

**O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES DE MULHERES E PARTIDOS NA RÚSSIA PRÉ-
REVOLUCIONÁRIA**

**EL PAPEL DE LAS ORGANIZACIONES DE MUJERES Y PARTIDOS EN LA RUSIA PRE-
REVOLUCIONARIA**

**THE ROLE OF WOMEN'S ORGANIZATIONS AND PARTIES IN PRE-
REVOLUTIONARY RUSSIA**

<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.37061>

Nataly Batista de Jesus¹

Silvana Calvo Tuleski²

Resumo: Este artigo tem a proposta de mapear os movimentos feministas e organizações na Rússia pré-revolucionária, os quais tinham a igualdade de direitos e a emancipação das mulheres como pauta. Apesar de pontos comuns, as linhas políticas divergiam na compreensão da gênese da opressão e da saída para garantir o que reivindicavam. Ademais, o cenário russo era composto pela opressão e exploração de uma burguesia em ascensão e isso refletia nos limites materiais. Esses elementos são imprescindíveis para levantar reflexões das lições e pendências dos movimentos da época, além de demonstrar a necessidade histórica de superar os limites e incorporar os aprendizados para fortalecer as lutas no tempo presente.

Palavras-chave: Movimentos feministas; Emancipação; Revolução de fevereiro.

Resumen: Lo presente artículo propone mapear movimientos feministas y organizaciones en la Rusia pre-revolucionaria, los cuales tenían la igualdad de derechos y emancipación femenina como pauta. A pesar de puntos comunes, las líneas políticas divergieron en la comprensión de la génesis da opresión y la salida para garantizar lo que reivindicaban. Además, lo escenario ruso era compuesto pela opresión y explotación de una burguesía en ascensión y esto refleja nos limites materiales. Estos elementos son imprescindibles para plantear reflexiones sobre lecciones y pendencias de los movimientos da época, además de demostrar las necesidades históricas de superar los límites e incorporar los aprendizajes para fortalecer las luchas en el tiempo presente.

Palabras clave: Movimientos feministas; Emancipación; Revolución de febrero.

Abstract: This paper aims to map feminist movements and organizations in pre-revolutionary Russia, which had equal rights and the emancipation of women as a schedule. Despite common points, the political lines diverged in understanding the genesis of oppression and the way out to guarantee what they claimed. Furthermore, the Russian scenario was composed of the oppression and exploitation of a rising bourgeoisie and this reflected in the material limits. These elements are essential to raise reflections on the lessons and pending issues of the movements of the time, in addition to demonstrating the historical need to overcome the limits and incorporate the learnings to strengthen the struggles in the present time.

Keywords: Feminist Movements; Emancipation; February revolution.

Introdução

A proposta deste artigo é apresentar um mapeamento das principais organizações de mulheres na Rússia pré-revolucionária, suas pautas centrais – como a busca pela igualdade de direitos – e outras reivindicações. Cabe ressaltar que as organizações feministas e partidárias não eram homogêneas em suas lutas, pois, apesar da igualdade de direitos que todas reivindicavam, havia distinções sobre a origem e a saída

para tal fenômeno histórico. Neste artigo busca-se também, levantar questionamentos/ensinamentos que contribuam com as lutas atuais sobre a emancipação feminina. A sociedade de classes é caracterizada e atravessada por formas de opressão que sustentam as desigualdades, como por exemplo, as de raça e gênero (Losurdo, 2015). A divisão social do trabalho traz limitações e obstáculos materiais para o desenvolvimento pleno dos indivíduos e no atual estágio do capitalismo, devido à crise estrutural que o assola, há o recrudescimento de um movimento reacionário, que precisa ser compreendido em sua materialidade para ser combatido, por isso a importância de analisar como se deram as lutas anteriores para superar os seus limites em nosso tempo presente.

A sociedade de classes – atualmente capitalista – é fruto de desdobramentos históricos onde uma classe explora e oprime outra, considerando-a inferior, seja intelectualmente ou fisicamente, mas necessária para gerar riquezas. Além disso, historicamente, as mulheres são mais oprimidas em relação aos homens e isso não se restringe ao nosso tempo presente. Pelo contrário, temos informações importantes na constituição do sujeito e da sociedade através da atividade produtiva e reprodutiva que comprovam este fato. Segundo Engels (1884/2009), a inferiorização da mulher é marcada pela ascensão da propriedade privada, a qual buscava garantir que as riquezas fossem transferidas de uma geração a outra através dos herdeiros legítimos. Para garantir a herança, várias medidas ao longo dos séculos foram inseridas paulatinamente, desde a instauração do casamento monogâmico – antes havia outros modos de organização, fossem estes em grupos ou pares – a restrição da mulher ao lar, o fim da poliandria³ e com isso o fim da liberdade sexual.

Tais elementos descritos brevemente acima representam informações iniciais importantes para compreender a opressão que as mulheres sofrem atualmente, a sobrecarga com os afazeres domésticos e familiares, os quais não são restritos ao capitalismo. Atualmente, as mulheres conquistaram o direito ao voto, ao passaporte individual, ao trabalho, aos estudos elementares ou superiores, etc. Entretanto, vale ressaltar que estas conquistas foram decorrentes de lutas travadas ao longo de muitos anos, mas são ideologicamente excluídas em muitas referências históricas. Ou seja, as conquistas das mulheres e o protagonismo das mesmas nos movimentos sociais, partidos, sindicatos e greves acabaram secundarizados, apresentando-se no campo da aparência, como se a sociedade inserisse esses direitos “naturalmente”.

Em nosso tempo presente, há um aumento nos ataques contra as mulheres, e isso é resultado de práticas machistas e sexistas secularmente cultivadas nas sociedades de classes, que tem se expressado ainda mais em períodos contrarrevolucionários e governos reacionários. Um exemplo disso é representado pelo aumento da violência (física, moral, sexual, etc.), censuras de atividades que permeiam debates sobre gênero, campanhas que retomam a mulher como biologicamente determinada aos afazeres domésticos, etc. Esses elementos contribuem para um retrocesso das lutas das mulheres e demonstra como um modelo reacionário tem peso sobre a formação dos indivíduos sociais, além de enfraquecer alguns movimentos feministas e partidários com tais políticas burguesas.

Considerando o exposto, este texto aborda apenas uma das inúmeras lutas históricas que as mulheres compuseram ou foram protagonistas. Abordaremos aqui alguns movimentos feministas e organizações de mulheres na Rússia no final do século XIX e início do XX, chegando ao período conhecido

como Revolução Russa de fevereiro de 1917. Quando nos referimos a “uma das lutas” tratamos de um recorte histórico e grupos específicos, considerando que as mulheres também participaram da Revolução Francesa, Comuna de Paris, Primeira e Segunda Guerra Mundial, dentre outros marcos, mas que não é foco da pesquisa em curso.

Os movimentos aqui abordados retratam três vertentes: o **feminismo radical, liberal e marxista/socialdemocrata**. Estes três possuem algumas pautas comuns de lutas, porém divergem substancialmente na compreensão sobre a origem da opressão e a estratégia para romper com os moldes atuais da época. Vale ressaltar que os movimentos aqui descritos, assim como sociedades e partidos advindos dessas organizações são restritos ao período histórico, apesar das semelhanças e lições que nos foram deixados. Aliás, toda a história da humanidade é partilhada e carregada de acúmulos sociais, ou seja, a história não é linear e as ações e lições de séculos passados nos permitem compreender fenômenos atuais sem carregá-los de anacronismo.

Uma ponderação inicial importante é descrever que a Rússia pré-revolucionária era um país imperialista, com a burguesia em ascensão, mas ainda governada pela monarquia Romanov. O processo de industrialização estava crescendo com a instalação de indústrias no território russo e com ferrovias, além disso, o fim da servidão havia sido decretado recentemente em 1861. Por este motivo, foi perceptível a transição e os impactos sociais que uma “nova” sociedade de classes instaurou, aumentando ainda mais a miserabilidade e deixando os antigos servos a mercê da sorte. Este breve cenário descrito contribuiu para o surgimento de muitas organizações partidárias ou apartidárias, sociedades entre a aristocracia, além de incitar revoltas, greves, motins e atos entre camponeses e trabalhadores contra o regime czarista.

Organizações feministas e partidárias

A distinção entre organizações feministas e organizações partidárias deve ser levada em consideração neste período histórico na Rússia – e se estende até os dias atuais. Apesar de, em linhas gerais a palavra “feminismo” ser atribuída como a luta por igualdade de direitos entre mulheres e homens, há outros elementos que o diferenciam de outras organizações com propósitos similares como nos casos de partidos revolucionários marxistas. Mesmo em se tratando de busca pela igualdade, há táticas e estratégias diferentes para alcançar o que buscavam (Reis, 2017; Silva, 2018; Clements, 2012).

No cenário russo, vale destacar que o termo *feminismo* empregado majoritariamente por mulheres da aristocracia e burguesia, surgiu por meio desta classe em formato de movimento social e tinha como central a igualdade de direitos, dividindo-se em várias pautas menores (estes serão abordados mais adiante de acordo com os movimentos descritos). Em contrapartida, as mulheres vinculadas a partidos políticos de esquerda, buscavam distinguir desse movimento estritamente burguês, e por isso rechaçavam a palavra feminismo, alegando que a luta contra opressão e toda desigualdade que as mulheres sofriam era mais um elemento da desigualdade social resultante de classes antagônicas. O fato de extinguir o termo não está relacionado à extinção da pauta das mulheres dentro do partido, muito pelo contrário, havia táticas e

estratégias para que as mulheres compusessem o partido e contribuíssem para sua construção e revolução social (Badia, 2003).

Abordaremos em ordem cronológica cada organização reunida de acordo com sua base teórica comum, por exemplo: o feminismo radical é uma vertente, a partir dela apontamos a(s) organização(ções) (sociedades, uniões, ligas e/ou partidos) oriundas e as principais pautas que cada movimento reivindicava. No fim deste tópico, traremos uma tabela com o resumo dos movimentos abordados neste artigo, contendo: linha política, principais movimentos feministas/organizações, principais pautas e principais mulheres representantes (Clements, 2012; Silva, 2018; Reis, 2017; Frencia & Gaido, 2018).

Para iniciar as discussões sobre o Feminismo Radical, é necessário introduzir uma explicação sobre o Movimento Populista, pois alguns autores (Reis, 2017; Silva, 2018) consideram o primeiro como desdobramento do segundo. Apesar de ter mulheres importantes no Movimento Populista, este não havia pautas específicas para emancipação das mulheres, sendo assim, não adentraremos neste ponto. Vale ressaltar que esta era uma organização que atuava juntamente com trabalhadores do campo após a abolição da servidão (1861) em busca da construção de um “socialismo rural”. Em linhas gerais, frações como: *Terra e Liberdade*; *Vontade do Povo*; e, *Emancipação do Trabalho* (esta última foi considerada a primeira organização marxista na Rússia, fundada por Vera Zasulich e Georgui Plekhanov), surgiram no fim do século XIX, e divergiam entre si (Serge, 1930/2007). Dada esta breve introdução ao Movimento Populista, podemos adentrar no Feminismo Radical.

O **Feminismo Radical** foi, em grande escala, composto por mulheres aristocratas, burguesas, nobres, esposas de militares e integrantes da *Intelligentsia* (Silva, 2018). A principal pauta deste movimento girou em torno da educação, pois naquele período, o acesso era escasso ou limitado, principalmente com relação ao ensino superior (Reis, 2017). Além disso, buscavam o direito ao trabalho e igualdade de direitos civis. Vale pontuar que as mulheres da classe trabalhadora ou camponesa não compunham este movimento e, em sua grande maioria estas eram analfabetas e trabalhavam em condições miseráveis, decorrentes das formas de exploração da burguesia em ascensão em território russo.

Em 1895, em São Petersburgo, houve desenvolvimento das organizações feministas e a corrente radical criou a Sociedade de Caridade Mútua de Mulheres Russas⁴, a qual vinculou-se ao Conselho Internacional de Mulheres (CIM)⁵. Tal Sociedade voltava suas pautas e ações ao trabalho de caridade às camadas populares, abrangendo às questões da educação elementar (alfabetização e matemática), moradia e acesso à saúde médica. Ademais, esta organização exerceu um papel fundamental na concretização do I Congresso de Mulheres de Toda a Rússia, cuja ação foi realizada em 1908 e marcou tanto o fim próximo desta organização, como o rompimento oficial entre feministas burguesas e militantes do Partido Social Democrata Russo.

Apesar das feministas radicais defenderem uma luta unificada em prol da igualdade das mulheres, como afirma Kalmánovitch (1907/2017), algumas organizações deste movimento restringiram o acesso aos homens, mesmo não sendo de sua defesa. Assim sendo, Kalmánovitch (1907/2017, p.18) declara que a luta é contra todos aqueles que possam oprimir, independente do gênero, por isso reafirma que o movimento feminista não tem como objetivo lutar contra um gênero em específico.

Ademais, julgava a atuação dos partidos políticos desnecessários às lutas das mulheres, pois Kalmánovitch reconhecia o papel majoritário dos homens em tais organizações e considerava que as mulheres acabavam subalternizadas nas discussões. A militante afirma que a inserção dessa pauta nos partidos não passava de oportunismo, pois em sua essência não se preocupavam com a questão a fundo. Os partidos cujas críticas eram dirigidas eram os liberais, socialdemocratas e conservadores. Desta forma, Kalmánovitch afirmava que somente uma organização onde a direção e seus membros fossem mulheres, seria suficiente para lutar fidedignamente por uma causa comum: a igualdade de direitos. Complementa ainda que, “enquanto o homem tiver a oportunidade de oprimir e humilhar a mulher, ele o fará” (Kalmánovitch, 1908/2017, p.28). Uma demonstração disso era a subalternização das mulheres no campo científico e político, visto que mesmo estas tendo contribuições no desenvolvimento da sociedade, eram marginalizadas.

Em linhas gerais, a inserção das mulheres nos mais diversos espaços e garantia de direitos civis e jurídicos eram algumas das principais preocupações da Sociedade de Caridade Mútua de Mulheres Russas – vinculada ao movimento radical. Por este motivo, a criação de biblioteca, rodas de debate literário, oficinas de escolarização e busca pelo ingresso às universidades eram essenciais para a igualdade de direitos e decisões sociais (Silva, 2018; Clements, 2012).

O segundo movimento a ser abordado aqui, teve várias organizações vinculadas à linha política do **Feminismo Liberal**. Ao contrário dos demais movimentos, o feminismo liberal tinha como compreensão geral, a necessidade de construir organizações, sociedade e ligas exclusivas de mulheres (independente da classe social pertencente). Desta maneira, a participação de homens era radicalmente ignorada. Segundo o próprio movimento, a opressão exercida pelos homens transpassava os interesses gerais da organização, e por isso, ao invés de avançar e contribuir na luta das mulheres, eles tendencialmente seriam um impasse para a conquista comum de direitos (Reis, 2017).

Os pontos que compunham a pauta do Feminismo Liberal giravam em torno de: acesso à educação, maternidade, crianças abandonadas e prostituição, além do sufrágio universal. Em decorrência de suas especificidades, fundaram em 1890 duas sociedades vinculadas a este movimento, sendo: Sociedade Feminina de Beneficência Mútua (carece informação) e Sociedade Russa para a Proteção das Mulheres. A segunda tinha como proposta uma assistência às mulheres solteiras, apoio para jovens contra qualquer tipo de violência seja esta moral ou material, além da criação de oficinas para mulheres em estado de desemprego (Reis, 2017; Silva, 2018). Já em 1905, foi fundada a União Pela Igualdade de Mulheres de Toda Rússia, que segundo Silva (2018, p.23), destacou-se naquele período, pois reunia quase 8 mil mulheres, isso caracterizava a maior organização feminista na Rússia. Esta organização, por sua vez, tinha pautas mais amplas e abarcava elementos mais específicos da luta das mulheres de diferentes regiões e classe social. Sendo assim, Silva (2018) pontua:

[...] Igualdade civil e política entre mulheres e homens, melhoria da situação legal e econômica da mulher, sufrágio universal com 7 pontos (igual, direto, secreto, universal, sem distinção de religião, sexo e nacionalidade), oportunidades iguais para educação e trabalho, tratamento igual para mulher camponesa, fim da regulamentação da prostituição, monarquia constitucional, direito de negociação coletiva dos trabalhadores

e melhorias das condições de trabalho, autogoverno das minorias étnicas, abolição das leis discriminatórias com base em religião e nacionalidade, coeducação em todos os níveis e abolição da pena de morte (SILVA, 2018, p.23).

Apesar desse reconhecimento e um crescimento tão grande em sua composição, a organização decretou seu fim em 1908. Algumas ativistas que compuseram tal movimento criaram a Liga pela Igualdade das Mulheres. Em suma, essas organizações conquistaram a alteração da lei da herança pelos meios jurídicos e petições em 1908, visto que até aquele momento somente homens poderiam herdar a riqueza de seus pais. Ademais, em 1914 a Liga pela Igualdade das Mulheres e a Sociedade de Caridade Mútua de Mulheres Russas (esta segunda vinculada ao feminismo radical) conquistaram também o direito ao divórcio, o passaporte próprio e permissão para trabalhar sem a necessidade de autorização do marido (Silva, 2018, p. 24; Clements, 2012, p.146). Mesmo com a participação de mulheres da classe trabalhadora nessas organizações para impulsionar as petições, as conquistas foram restritas as mulheres da burguesia e aristocracia, pois sequer o mínimo para sobrevivência era garantido aos trabalhadores naquelas condicionalidades.

Em meados de 1905, Mariiya Ivanovna Pekrovskaja impulsionou a criação de um partido destinado exclusivamente às mulheres, cujo nome era Partido Progressista Feminino. Este não surgiu necessariamente vinculado ao feminismo radical ou liberal, pelo contrário, buscou-se um equilíbrio entre os dois. O programa político era composto pelos seguintes elementos: Igualdade entre homens e mulheres, direito ao divórcio, direito a terra para as camponesas, fim do militarismo, fim da regulamentação da prostituição, reformas trabalhistas e coeducação (Silva, 2018, p.23-24).

O terceiro, e não menos importante, a ser abordado é o **“feminismo” marxista/socialdemocrata**. Este movimento, por sua vez foi representado na Rússia como Partido Socialdemocrata Russo (POS DR) e era vinculado à II Internacional Comunista, a qual foi fundada no final do século XIX. Desta forma, o POS DR compreendia as questões das mulheres como fatores importantes para a construção do socialismo e emancipação da classe, não apenas de um gênero em específico. Vale destacar que os primeiros escritos sistematizados neste campo teórico e de luta foram: *A mulher e o socialismo* (1879), de August Bebel, e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), escrito por Frederich Engels. Estes materiais foram de suma importância para a luta internacional da classe trabalhadora, principalmente ao dar destaque às opressões que as mulheres da classe trabalhadora eram submetidas. A militante alemã Clara Zetkin (1896/2014) pontua que, a necessidade do capitalismo em extrair mais-valia resultou na inserção das mulheres às fábricas, atribuindo salários inferiores aos dos homens e transformando-as em concorrentes. Essa inserção caracteriza a necessidade de uma luta conjunta entre trabalhadores e trabalhadoras para emancipar as mulheres em específico e a classe trabalhadora em geral.

Nesse sentido, o POS DR e a II Internacional Comunista tinham como ponto central a emancipação da classe trabalhadora, juntamente com a emancipação feminina e as demais opressões resultantes de uma sociedade de classes antagônicas. Compreende que a opressão e a exploração são características e ferramentas da classe dominante para manter-se no poder e por isso não era possível acabar com uma opressão sem acabar com o modo de produção capitalista/escravista/feudalista. Por isso divergia substancialmente de outros movimentos, como do Feminismo Liberal, pois este último compreendia que a

opressão devia ser combatida independente de classe social, assim os moldes de toda desigualdade teriam seu fim se as mulheres gozassem dos mesmos direitos. O POSDR tinha um posicionamento radicalmente diferente, alegando que não haveria igualdade de direitos numa sociedade que explora e produz mais-valia. Assim sendo, Reis (2017, p.175) declara que estes movimentos – feminismo radical, liberal e marxista – desejavam em comum a justiça, liberdade e relações afetivas livres e o fim da autocracia. Mesmo diante dessa similaridade, não devemos desconsiderar a existência da luta de classes envolvida neste contexto, pois apesar dos direitos ampliados como o sufrágio (conquistado mais a frente na história), o acesso ao ensino superior, e a liberdade de trabalho para as mulheres, tais conquistas foram limítrofes numa sociedade organizada em classes antagônicas.

O POSDR – que posteriormente se fusionará em duas frações: mencheviques e bolcheviques – teve como papel, a propaganda e agitação da teoria marxista revolucionária, além de ascender greves e manifestações dos trabalhadores em prol de melhores condições de vida e trabalho, conforme os direitos mínimos. O alinhamento com outras seções (partidos em outros países) da II Internacional fazia com que o programa político direcionado a emancipação da classe, juntamente com táticas e estratégias para organizar as pautas das mulheres à luta, fora de extrema relevância. Sendo assim, o programa político para inserir mulheres nas fileiras dos partidos, torná-las dirigentes, agitadoras, propagandistas, dentre outras responsabilidades partidárias era uma das estratégias para construir um movimento que pudesse desencadear na revolução socialista. Por este motivo, houve atividades internacionais para debater e construir a II Internacional e os partidos representados em cada país, chamado de Congresso da Internacional Comunista. No que tange à pauta das mulheres, no VII Congresso em 1907 realizado em Stuart (Alemanha), discutiu-se estratégias para as mulheres comporem o partido, além da pauta sobre o sufrágio feminino. Outro ciclo de construção que compunha a Internacional foi a Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, sendo o primeiro encontro também em 1907, dias antes do Congresso. Segundo Frenica e Gaido (2018), este evento contou com a participação de 58 delegadas de 14 países e tinha como discussões centrais o sufrágio e a construção de um birô (comitê) de mulheres socialistas. Na 2ª Conferência, as mulheres vinculadas ao POSDR e demais partidos da II Internacional deliberaram uma data comum para um levante de mulheres trabalhadoras, um dia marcado e mundialmente conhecido com Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, que abordaremos no próximo tópico.

Buscando sistematizar minimamente as informações dos movimentos expostos acima, elaboramos o seguinte quadro:

Tabela 1 - Principais informações sobre os movimentos/organizações.

Linha Política	Principais Movimentos Feministas/ Organizações	Principais Pautas	Principais Mulheres Representantes	Partidos/ Movimentos/ Organizações Vinculadas
Feminismo Radical	Feminismo Radical		Kalmanovitch	
	Sociedade de Caridade Mútua	Caridade aos mais pobres	Anna Pavlovna Filosofova	Conselho Internacional de Mulheres (CIM)

	de Mulheres Russas	Oficinas de estudos (alfabetização e matemática básica)	Anna Nikolaevna Shabanova	
		Medicina da Mulher	Anna Nikolaevna Engelgardt	
		Moradia	Olga Andréievna Chapír	
		Biblioteca com debates literários	Alexandra Nikolaevna Peshkova-Toliverova	
		Acesso ao ensino universitário	E.V. Avilova	
		Direito a herança		
Feminismo Liberal	Feminismo Liberal	Acesso ao ensino universitário		
		Maternidade		
		Crianças abandonadas;		
		Fim da prostituição		
		Sufrágio Universal		
	Sociedade Feminina de Beneficência Mútua	(carece informação)	(carece informação)	
	Sociedade Russa para Proteção das Mulheres	Assistência às mulheres solteiras	Sofia Kovalvskaia	
		Apoio aos jovens contra violência moral ou material	Maria Bokova	
		Oficinas para mulheres desempregadas	Nadeja Suslova	
			Maria Trubnikova	
			Liubov Gurievitch	
			Ariadna Tyrkova-Williams	
			Nadejda Stassova	
			Evgueni Konradi	
			Lidia Rodstvennaia	
	União pela Igualdade das Mulheres de Toda Rússia	Igualdade civil e política	Anna Evreinova	Associação Internacional do Sufrágio Feminino (AISF)
		Melhoria da situação legal e econômica da mulher	Anna Miliukova	
		Sufrágio Universal	Ekaterina Shepkina	
		Oportunidades iguais para educação e trabalho	Liubov Gurevich	
		Igualdade para mulheres camponesas	Maria Chekova	
Fim da regulamentação da prostituição		Zinaida Mirovich		
Monarquia constitucional		Ariadna Tyrkova		
Direito de negociação coletiva dos trabalhadores				

		Autogoverno das minorias étnicas		
		Coeducação em todos os níveis		
		Abolição da pena de morte		
	Partido Progressista Feminino	Igualdade civil entre homens e mulheres	Mariiya Ivanovna Pekrovskaja	
		Direito ao divórcio		
		Direito à terra para as camponesas		
		Monarquia constitucional		
		Coeducação		
		Reformas trabalhistas		
		Fim do militarismo		
Liga pela Igualdade das Mulheres	Luta por direitos políticos		Associação Internacional do Sufrágio Feminino (AISF)	
	Sufrágio Universal			
Marxista/ socialdemocracia	Partido Socialdemocrata Russo (POSDR)	Sociedade sem classes	Nadeska Krupskaja	II Internacional Comunista
		Aborto seguro	Inessa Armand	Fração Bolchevique
		Direito ao divórcio	Alexandra Kollontai	Fração Menchevique
		Creche comunitária	Korkordia Samoilova	
		Cozinha comunitária	Praskovia Kudelli	
		Escolas de co-educação	Liudmila Stal	
		Fim da prostituição	Larissa Reissner	
			Aleksandra Artyukina	

Fonte: criação das autoras (2020).

Os movimentos, em seus diferentes desdobramentos, contribuíram na construção de muitas organizações que foram geridas a partir destas ou como movimentos contrários aos existentes. Além disso, perpetuaram em amplas discussões, debates, greves e o principal, o desenvolvimento da consciência de classe em casos específicos (considerando que nem todo movimento era classista em sua essência ou alguns que abarcavam classes antagônicas, eram insuficientes nas conquistas para ambas as classes).

Uma atividade a ser destacada foi o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, que exerceu um papel fundamental no processo revolucionário russo. Organizado mundialmente por partidos revolucionários e aderido por outras organizações de mulheres, essa data marcou a luta pela emancipação, melhores condições de trabalho e a diferença substancial entre mulheres da classe dominante e mulheres da classe operária. Quando nos referimos a essa diferença entre mulheres, não estamos negando a opressão que todas sofrem enquanto sexo ou gênero, mas consideramos o papel político-econômico como um fator a mais no campo da exploração. Ademais, a exploração e opressão compõem uma das bases da sociedade de classes, tais elementos são destrutivos e impossibilitam a emancipação plena da sociedade. Sendo assim,

iniciamos a próxima seção abordando brevemente a história do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora e seus desdobramentos na Revolução de Fevereiro de 1917 na Rússia.

O Dia Internacional da Mulher Trabalhadora e a Revolução de Fevereiro

A origem do Dia Internacional da Mulher é mundialmente conhecido até os dias atuais. Entretanto, esta data foi apropriada pelo modo de produção vigente (capitalismo), sendo representado como o dia de reconhecer a importância das mulheres na sociedade, reafirmando seus papéis de mães, esposas, filhas, etc. Muitas histórias são atribuídas a esta data e cabe aqui retomarmos brevemente suas origens e sua importância histórica. No contexto da Rússia, centro do nosso debate aqui, possui desdobramentos importantes que desencadearam na Revolução de Fevereiro de 1917.

Uma história que repercute atualmente sobre a origem do dia internacional da mulher está relacionada a um incêndio de uma fábrica têxtil⁶ em 1911, a qual segundo González (2010) fora resultado de péssimas condições de trabalho, incluindo práticas criminosas de indústrias para garantir a permanência e produtividade dos trabalhadores. Para isso, trancavam as portas, e ao passo que iniciou um incêndio não houve saída para a maioria dos trabalhadores presentes, resultando na morte de 145 trabalhadores, sendo 123 mulheres. Dessa forma, trabalhadoras de fábricas, em solidariedade, iniciaram atos e greves em defesa de melhores condições de trabalho, local seguro, melhores salários e redução da carga horária. Apesar dessa história, o dia internacional da mulher não surge em decorrência deste evento.

Segundo González (2010), nos EUA já havia o Dia da Mulher desde 1908, que reivindicava o sufrágio universal. Entretanto, em agosto de 1910, na Dinamarca, foi deliberado na 2ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas – atividade da II Internacional Comunista – uma data unificada para concentrar lutas, greves, manifestações por melhores condições de trabalho, não só o sufrágio. Uma data que fosse a âmbito mundial (naquele período havia 14 países com partidos da II Internacional). Ressalta-se que as mulheres, juntamente com a classe trabalhadora mundial já realizavam atos e greves, pois o capitalismo oprimia e explorava mundialmente, à medida que aumentava a taxa de lucro e a miserabilidade. Resultando assim, no cenário que descrevemos acima. A deliberação da II Internacional desagradou mulheres das outras organizações, como do Feminismo Radical e Liberal, tendo em vista que o recorte Dia da mulher *trabalhadora* excluía mulheres da aristocracia e burguesia. Tal posicionamento dos/das marxistas somente reafirmava a necessidade de luta de classes, pois somente com a extinção de classes antagônicas seria possível o fim da exploração e opressão também das mulheres, embora isso dependesse de luta e não se daria de modo automático.

A primeira manifestação na Rússia vinculada ao Dia Internacional da Mulher Trabalhadora foi concretizada em 1913, três anos após a 2ª Conferência de Mulheres Socialistas. Segundo Kollontai (1914/2017), a dificuldade em promover um dia de lutas pelas mulheres se deu pelos inúmeros ataques à classe trabalhadora em meio à crise do capital, nomeada como “depressão geral”. Em complemento a esse período (1910-1912), Kollontai afirmou: “organizações trabalhadoras foram derrotadas. Os líderes

encheram as prisões ou buscaram asilo do outro lado da fronteira... Não restou um único jornal socialista, nenhuma possibilidade de reunir forças” (KOLLONTAI, 1914/2017, p.164). Além disso, pontuava ainda:

O primeiro dia da mulher na Rússia foi um *acontecimento político*. Todos os partidos e classes sociais se expressaram em relação a ele: uns com ódio e desprezo, outros com dúvidas quanto a se as trabalhadoras marchavam de braços dados com organizações femininas liberais e burguesas. O resultado dessa impressionante primeira experiência das trabalhadoras russas em declarar publicamente suas exigências foram detenções e condenações à prisão (KOLLONTAI, 1914/2017, p.165).

Além das inúmeras repressões a mando do Czar, a Rússia adentrou à Primeira Guerra Mundial em 1914, arremessando à classe trabalhadora às trincheiras, aumentando a miséria e dificultando as organizações e movimentos de se reunirem. Entretanto, em 1917, no dia 23 de fevereiro (no calendário juliano⁷), as mulheres iniciaram greves e manifestações, em função do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora. As trabalhadoras paralisaram as fábricas e convocaram os trabalhadores para somarem à luta, e o dia que fora dedicado inicialmente para um ato unificado das mulheres, ganhou dimensões gigantescas. Ampliando-se entre organizações, sindicatos e partidos, conseguiram após algumas semanas, derrubar o czar do poder e a monarquia existente até aquele período. A luta por emancipação das mulheres e melhores condições de trabalho (aumentos salarial, redução da jornada de trabalho, etc.) perpassou décadas para chegar até este momento. Apesar dos esforços entre uniões, ligas e movimentos da aristocracia, o que pôde impulsionar mudanças significativas para a classe trabalhadora foi a organização da própria classe para deportar aqueles que os oprimiam.

O fim da monarquia czarista foi um passo importante na história da Rússia, porém a ausência de um partido revolucionário com influência de massas (suficiente) não impediu que o poder fosse ascendido pelo Governo Provisório, ao invés de concentrado nas mãos dos trabalhadores, o qual só ocorreu de fato a partir de outubro do mesmo ano. Considerar a importância do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora como força motriz de outras revoluções na Rússia é colocar em relevo o que Losurdo (2015, p.30) aponta a partir das concepções de Marx e Engels, “que o sistema capitalista se apresenta como um conjunto de relações mais ou menos servis impostas por um povo sobre outro no âmbito internacional, por uma classe sobre outra no âmbito de um país singular e pelo homem sobre a mulher no âmbito de uma mesma classe”. Para este autor, Marx e Engels entendiam que a relação homem/mulher era uma espécie de microcosmo que refletia a ordem social global e em boa parte dos estudos, inclusive no campo marxista, os nexos entre a condição da mulher e as outras formas de opressão é pouco investigado.

Considerações finais

As organizações feministas burguesas e os partidos revolucionários vinculados a II Internacional Comunista tiveram papéis importantes na história da Rússia. A burguesia em ascensão naquele período, o processo de industrialização com a inserção de maquinários e ferrovias possibilitava aumentar riquezas no território, porém pela composição da sociedade de classes, as desigualdades ficavam cada vez mais evidentes. Desta forma, os limites materiais decorrentes da desigualdade refletiam nas organizações (partidárias ou feministas), que ora se dedicavam à caridade, ora organizavam greves e manifestações. Algumas conquistas

foram alcançadas a partir destes movimentos: acesso à educação básica ou superior, que se tornou possível em meados de 1878 (restritos a dois cursos, a princípio), passaporte próprio, direito ao voto, até a derrubada do regime czarista, entre outros.

As organizações surgiram através de necessidades materiais concretas, considerando a realidade total ou parcial daqueles/as que viviam no regime czarista – que chegou ao seu fim após o movimento iniciado pelo Dia Internacional da Mulher Trabalhadora. Entretanto, cabe ressaltar que, as reformas resultantes das lutas coletivas foram insuficientes para a emancipação das mulheres, pois a base da opressão e exploração não pode ser extirpada exclusivamente por direitos civis. Assim como as organizações foram fundamentais para desencadear a revolução na Rússia em 1917, – inclusive para a revolução de outubro – elas são de suma importância para organizar greves e atos potencialmente internacionais. Ao estudar o papel das organizações pré-revolucionárias, podem-se levantar reflexões pertinentes ao nosso tempo presente, principalmente ao que diz respeito às lições e pendências, além de demonstrar a necessidade histórica de superar os limites e incorporar os aprendizados para fortalecer as lutas.

Por fim, a ascensão da burguesia a nível mundial possibilitou avanços das forças produtivas, ao passo que aumentou a exploração da classe trabalhadora, a taxa de desemprego, a miséria, a fome, condições insalubres de moradia, etc., em conjunto com a intensificação das opressões de mulheres, negros e LGBTs. E por este motivo, um processo revolucionário possui como perspectiva o fim da sociedade de classes, a superação deste modo de produção para eliminar os elementos negativos (opressão e exploração) e incorporar os elementos benéficos em outra direção, cujo desenvolvimento pleno do indivíduo seja possível. Desta forma, por mais substancial que sejam os direitos conquistados pelas mulheres numa sociedade de classes, estes se tornam insuficientes para sua emancipação e conseqüentemente para a humanidade.

Referências

BADIA, Gilberto. Clara Zetkin: Vida e Obra. São Paulo: Expressão Popular: 2003.

CLEMENTS, Barbara Evans. A history of women in Russia: from earliest times to the present. USA: Indiana University Press, 2012.

ENGELS, Frederich. [1884]. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: Escala, 2009.

FEDERAÇÃO MULHERES UNIVERSITÁRIAS. História do movimento de mulheres na Rússia (История женского движения в России) [tradução livre nossa]. Disponível em: <<http://womenmuseum.ru/>> Último acesso em: 26/02/2020.

FRENCIA, Cintia; GAIDO, Daniel. Feminismo y Movimiento de Mujeres Socialistas en la Revolución Rusa. Chile: Ariadna Ediciones, 2018.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. As origens e comemoração do Dia Internacional das Mulheres. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

KALMÁNOVITCH, Anna. [1907]. Algumas palavras sobre o feminismo. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017.

KALMÁNOVITCH, Anna. [1908]. O movimento feminista e a relação dos partidos com ele. In: SCHNEIDER, Graziela (org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017.

KOLLONTAI, Alexandra. [1914]. Na Rússia também haverá um dia da mulher! In: SCHNEIDER, Graziela (org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017.

LOSURDO, Domenico. A luta de classes: uma história política e filosófica. São Paulo: Boitempo, 2015.

REIS, Daniel Aarão. A revolução que mudou o mundo: Rússia, 1917. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SERGE, Victor [1930]. O ano I da Revolução Russa. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Danielle Jardim. Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: Apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

ZETKIN, Clara. [1896]. Somente em conjunto com a mulher proletária o socialismo poderá ser vitorioso. In: TOLEDO, Cecília (org.). A mulher e a luta pelo socialismo. São Paulo: Sundermann, 2014.

Notas:

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (2018). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5447-3258> Email: nataly.bi@hotmail.com

² Psicóloga, com formação acadêmica e atuação profissional na área de Psicologia Escolar e Educacional, Especialista em Psicologia da Educação, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/PR, doutora e pós-doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara/SP. É professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá/PR. Membro dos grupos de pesquisa: Estudos Marxistas em Educação: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4311> Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/15830> Líder do Grupo de Pesquisa: Psicologia Histórico-Cultural e Educação: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/13607> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6967-2548> Email: silvanatuleski@gmail.com

³ Poliandria é um termo utilizado para designar a relação de uma mulher com vários homens. Com o advento da propriedade privada, a poliandria foi extirpada no campo matrimonial para garantir o herdeiro legítimo. Em contrapartida, a poligamia (relação de um homem com várias mulheres) ainda permanece presente.

⁴ Aqui realizamos a tradução livre para *Русское женское Взаимно-Благотворительное Общество* – extraído originalmente da *Federação Mulheres Universitárias* –, porém os autores Frenicia e Gaido (2018) adotam Sociedade de Ajuda Mútua de Mulheres Russas, e a autora Silva (2018), Sociedade Filantrópica Mutual. Apesar da diferenciação empregada nas traduções, trata-se da mesma sociedade.

⁵ Segundo Silva (2012, p.25), o CIM foi fundado em Chicago em 1893 e tinha como principal preocupação a organização de eventos na Europa privilegiando os trabalhos vinculados à caridade.

⁶ O incêndio ocorreu em 25/03/1911 no oitavo andar da fábrica *The Triangle Shirtwaist Company*, localizada no *Lower East Side* na cidade de Nova York.

⁷ Na Rússia, o calendário juliano foi utilizado até 1918. Este, comparado ao calendário gregoriano, utilizado atualmente, possui uma diferença de treze dias. Se fossemos transpor o 23 de fevereiro entre calendários, o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora seria enquadrado no dia oito de março.

Recebido em: 30.05.2020

Aprovado em: 06.07.2020